

IDOSOS NA EJA: CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DO PERIÓDICO PSICOLOGIA: REFLEXÃO E CRÍTICA (DE 2000 A 2012)

Adriana Zakia Costa
Fabiana Marini Braga

Resumo: Este trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica dedicada à seleção e à análise de 40 artigos do periódico brasileiro “Psicologia: reflexão e crítica”, publicados entre os anos 2000 a 2012, com objetivo de organizar elementos que contribuem com o atendimento aos idosos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), entendendo-os como sujeitos que compõem esta modalidade da educação básica. Para realizar a análise dos artigos, aplicou-se a técnica de análise de conteúdo. Os resultados revelaram nove elementos que subsidiam a reflexão e a ação voltadas ao atendimento aos sujeitos idosos na EJA, tendo como base suas especificidades, interesses e necessidades. Sugere-se a relevância social e acadêmica da temática dos idosos na EJA e o fomento de novos estudos e pesquisas, a fim de potencializar a produção científica na área da educação e fortalecer o conhecimento sobre a prática pedagógica voltada a essa população.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, sujeitos da EJA, idosos, educação ao longo da vida.

Ancianos en la EJA: contribuciones a partir del periódico Psicología: Reflexión y Crítica (de 2000 hasta 2012)

Resumen: Este artículo presenta una investigación bibliográfica dedicada a la selección y el análisis de 40 artículos del periódico “Psicología: Reflexión y Crítica”, publicados desde 2000 hasta 2012, con el fin de organizar los elementos que contribuyen al trabajo con los ancianos en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), entendiendo como sujetos que componen esta modalidad de educación básica. Para realizar el análisis de los artículos, se aplicó la técnica de análisis de contenido. Los resultados revelaron nueve elementos que apoyan la reflexión y la acción para el trabajo con los ancianos en la EJA, en función de sus características específicas, sus intereses y necesidades. Se sugiere la relevancia social y académica del tema de los ancianos en la EJA y la promoción de nuevos estudios e investigaciones con el fin de mejorar la producción científica en el campo de la educación y fortalecer el conocimiento sobre la práctica pedagógica para esta población.

Palabras clave: Educación de los Jóvenes y Adultos, sujetos de la EJA, ancianos, educación permanente.

Elderly in the Youth and Adult Education (EJA): contributions from the journal Psychology: Research and Review (from 2000 to 2012)

Abstract: This paper presents a bibliographical research dedicated to select and analyze 40 papers from the Brazilian journal “Psychology: Research and Review”, published between the years 2000 and 2012, in order to organize elements that contribute to the pedagogical work with the elderly in Youth and Adult Education (EJA), understanding them as subjects that compose this modality of basic education. The analysis of the papers was conducted by using the technique of content analysis. The results revealed nine elements that support the reflection and the action focused on the pedagogical work with elderly subjects in the EJA, based on their specificities, interests and needs. It is suggested the social and academic relevance of the theme of the elderly in the EJA and the fomentation of new studies and research, in order to potentiate the scientific production in this education area and to fortify the knowledge about the pedagogical practice directed to this population.

Keywords: Youth and Adult Education, subjects of the EJA, elderly, lifelong learning.

Introdução

A nossa sociedade está em processo de envelhecimento, fenômeno que acontece de forma intensa no Brasil e que demanda atenção por parte das políticas sociais (IBGE, 2012). O envelhecimento populacional “é caracterizado pelo declínio da mortalidade infantil, pela diminuição de mortes de adultos por doenças infecciosas e pelo declínio das taxas de natalidade” (NERI, 2005, p. 16).

O processo de envelhecimento é heterogêneo e possui perdas e ganhos. Neri (2008) aponta que:

na velhice as capacidades cognitivas ligadas ao processamento da informação, à memória e à aprendizagem declinam por causa das alterações sensoriais e neurológicas que acompanham o envelhecimento. Contudo, as capacidades cuja manutenção e aperfeiçoamento dependem de influências culturais podem conservar-se e especializar-se, manifestando-se nos domínios profissional, do lazer, das artes ou do manejo das questões existenciais (sabedoria) (NERI, 2008, p. 69).

Nesse sentido, a educação deve trabalhar frente a esse contexto. Both (2001) ressalta que “se os educadores ainda não perceberam a longevidade humana como um fenômeno de substancial alteração no perfil humano, podem andar equivocados nas formas de relações, nos conteúdos e em suas abordagens com o educando” (BOTH, 2001, p. 9).

A educação é um processo contínuo vivenciado pelos seres humanos ao longo da vida, em que todos adquirem conhecimentos (CACHIONI; NERI, 2005). Conforme “amadurece, o leque de influências biológicas, psicológicas e culturais torna-se cada vez mais amplo e aumenta a possibilidade de auto-educação do ser humano” (CACHIONI; NERI, 2005, p. 29).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um dos espaços educativos que atende os idosos. Marques e Pachane (2010) indicam que existe a presença de idosos nas salas de aula da EJA, e que, nesse contexto, suas necessidades devem ser atendidas como “comprometimento com as questões sociais e com a dignidade humana” (MARQUES; PACHANE, 2010, p. 477).

Both (2001) assinala que essas demandas devem permear a prática pedagógica, pois, caso contrário, “podem acontecer situações ameaçadoras à vida dos educandos e os educadores, sem saber por quê, limitam as relações de poder e o potencial do desenvolvimento humano” (BOTH, 2001, p. 9).

É nesta perspectiva que este artigo traz contribuições de pesquisa de Mestrado, sobre o atendimento de idosos enquanto sujeitos que compõem a EJA, a partir de um estudo bibliográfico, principalmente acerca de subsídios para a prática pedagógica voltada a essa população, no contexto da EJA formal.

A EJA e a educação ao longo da vida

O conceito de educação ao longo da vida, difundido, principalmente, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), uma das agências da Organização das Nações Unidas (ONU), está presente no debate sobre as políticas educacionais mundiais e compreende a educação como um processo amplo e contínuo, que ocorre em todas as etapas da vida (infância, juventude, vida adulta e velhice), a partir de saberes trocados e de experiências adquiridas nos diferentes espaços sociais e culturais em que as pessoas estão inseridas.

Na década de 1990, em Relatório para a UNESCO redigido pela Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, o conceito de educação ao longo da vida foi considerado como “uma das chaves de acesso ao século XXI” (DELORS, 2006, p. 19). Nesse contexto, os processos educativos precisam compreender o contexto atual, da sociedade da informação, possibilitando a todas as pessoas a obtenção, atualização e utilização dos conhecimentos, para que “todos possam recolher, selecionar, ordenar, gerir e utilizar as mesmas informações” (DELORS, 2006, p. 21). Para tanto, o Relatório Delors traz os quatro pilares da educação, ou seja, as quatro aprendizagens fundamentais nas quais a educação ao longo da vida deve estar embasada: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos; e aprender a ser.

Nesse sentido, a educação ao longo da vida considera todas as potencialidades do ser humano e as diversas formas de aprendizagens, trazendo contribuições para a reflexão perante ações educativas, impulsionando-as. Dentre essas ações, encontra-se EJA.

No Brasil, a concepção de educação ao longo da vida foi assumida no campo da EJA em 2009, no contexto da VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFINTEA), em que se ressaltou a importância da aprendizagem ao longo da vida, embasada na educação edificada em princípios emancipatórios, democráticos e humanistas que almejam a inclusão. A educação de jovens e adultos é compreendida a partir de uma dimensão intersetorial e integrada, que entende a relevância social de seus processos formais, não formais e informais (UNESCO, 2010).

A alfabetização, a aprendizagem e a educação de adultos são consideradas peças fundamentais do direito à educação, devendo contemplar o atendimento das necessidades das pessoas adultas e idosas e as necessidades específicas de cada país (UNESCO, 2010). Podemos notar a relação da educação ao longo da vida com a EJA e sua importância.

No Brasil, a escolarização é essencial na composição da educação ao longo da vida. O contexto da Sociedade da Informação, ressaltado pelo Relatório Delors, é permeado por inovações tecnológicas que acontecem de maneira veloz. Braga, Gabassa e Mello (2010, p. 40) apontam que o momento que estamos vivendo exige determinadas qualificações intelectuais que possibilitam a participação das pessoas nos diversos âmbitos da sociedade.

Frente a esse contexto, o acesso e a permanência na escola enquanto direito fundamental de todas as pessoas torna-se central na composição do quebra-cabeça que colabora para conquistar a educação ao longo da vida em sua plenitude. Por isso, a pesquisa teve seu foco voltado à EJA formal.

O direito à EJA na legislação nacional

Di Pierro (2008) indica a existência de três instrumentos jurídicos no Brasil que tratam dos direitos à educação de jovens e adultos: a Constituição Federal de 1988; a Lei n. 9.394, de 1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN); e a Resolução CNE/CEB n. 1, de 5 de julho de 2000, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, estabelecidas pelo Parecer da Câmara da Educação Básica (CEB), do Conselho Nacional de Educação (CNE) n. 11/2000, que trouxe como assunto as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

A Constituição Federal de 1988 estabelece a educação enquanto um direito de todos, atribuindo ao Estado o dever de ofertar a educação básica obrigatória e gratuita a todos, estendendo esse direito aos jovens, adultos e idosos, sendo ainda considerada como um direito público subjetivo de todos (BRASIL, 2013).

A Lei n. 9.394/96, afirma os elementos apresentados pela Constituição de 1988, e inscreve a EJA como modalidade da Educação Básica, apresentando a necessidade do atendimento frente às especificidades das pessoas que integram esse contexto. A seção dedicada à Educação de Jovens e Adultos foi um avanço para o campo da EJA. No entanto, não menciona explicitamente os idosos que, junto aos jovens e adultos, integram o público da EJA.

O Parecer CEB n. 11/2000 explicita as particularidades do campo da EJA e trata especificamente da educação escolar, ou seja, da EJA formal e menciona os idosos como integrantes da EJA: “Adulto é o ente humano já inteiramente crescido. O estado de adulto (adultícia) inclui o idoso. Este parecer compreende os idosos como uma faixa etária sob a noção de adulto” (CURY, 2000, p. 8). No mais, exalta a importância de considerar os idosos nesse contexto:

nesta linha, a educação de jovens e adultos representa uma promessa de efetivar um caminho de desenvolvimento de todas as pessoas, de todas as idades. Nela, adolescentes, jovens, adultos e idosos poderão atualizar conhecimentos, mostrar habilidades, trocar experiências e ter acesso a novas regiões do trabalho e da cultura. Talvez seja isto que Comenius chamava de *ensinar tudo a todos*. A EJA é uma promessa de qualificação de vida para todos, inclusive para os idosos, que muito têm a ensinar para as novas gerações. Por exemplo, o Brasil também vai conhecendo uma elevação maior da expectativa de vida por parte de segmentos de sua população. Os brasileiros estão vivendo mais. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de brasileiros com mais de 60 anos estará na faixa dos 30 milhões nas primeiras décadas do milênio. É verdade que são situações não generalizáveis devido a baixa renda percebida e o pequeno valor de muitas aposentadorias. A esta realidade promissora e problemática ao mesmo tempo, se acrescenta, por vezes, a falta de opções para as pessoas da terceira idade poderem desenvolver seu potencial e suas experiências vividas. A consciência da importância do idoso para a família e para a sociedade ainda está por se generalizar (CURY, 2000, p. 10-11).

Segundo Cury (2000), cabe à EJA formal cumprir três funções, sendo elas: a função reparadora, a função equalizadora e a função permanente ou qualificadora.

A função reparadora da EJA entende que a escola de qualidade foi um direito negado aos sujeitos que compõem essa modalidade da educação, devendo ser reparado e a luta que busca garantir esse direito deve considerar a necessidade de igualdade ontológica entre os seres humanos (CURY, 2000, p. 7).

A função equalizadora da EJA busca a igualdade de oportunidades para todas as pessoas, através da reinserção de jovens, adultos e idosos no sistema escolar, para que possam aprimorar o vínculo com o mundo do trabalho e com todos os âmbitos de participação da vida social.

A função permanente da EJA, também definida como qualificadora, é vinculada com a busca pela própria educação ao longo da vida. Segundo Cury (2000), essa função caracteriza o sentido da EJA, pois compreende a incompletude dos seres humanos, que podem conhecer, aprender e se aperfeiçoar permanentemente, ao longo de toda a vida, nos espaços escolares e não escolares (CURY, 2000, p. 11).

Sob essa perspectiva, torna-se relevante olhar mais a fundo para o que envolve as especificidades dos sujeitos que integram a EJA, questão fundamental para atendê-los de forma adequada.

Os sujeitos idosos na EJA e considerações sobre a educação voltada aos idosos

No âmbito das políticas públicas direcionadas aos interesses e direitos dos idosos, em 1994, foi instituída a Política Nacional do Idoso, por meio da Lei n. 8.842. Em outubro de 2003, foi criado o Estatuto do Idoso no Brasil, que trouxe a educação enquanto um direito do idoso. Já em 2006, foi criada a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, por meio da Portaria n. 2.528. Todas essas políticas

públicas fazem prescrições à educação, indicando que a temática do envelhecimento deve estar presente nos currículos escolares, a fim de valorizar os idosos e romper preconceitos em torno da velhice, além de mencionarem o espaço das universidades abertas para a terceira idade. A Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso ressaltam que os programas educativos voltados aos idosos devem atender as especificidades desses sujeitos, através da adequação dos currículos, das metodologias e dos materiais didáticos.

Os idosos representam a faixa etária da população com maior índice de analfabetismo e o menor índice de frequência na EJA. Em 2011 a taxa de idosos analfabetos era de 24,8% e a taxa dos idosos que frequentavam a EJA 3,7% (IBGE, 2012).

Há diversos motivos que explicam a presença minoritária dos idosos na EJA. Segundo Doll (2007), as ofertas educacionais nem sempre atendem aos interesses dos idosos. Pereira (2012) indica barreiras que podem dificultar a participação dos idosos em programas educativos: as condições de saúde; a baixa aposentadoria (muitos idosos precisam trabalhar para complementar renda, o que pode dificultar a participação na escola após uma jornada cansativa de trabalho); e restrições sociais, impostas por preconceitos, estereótipos e crenças negativas em torno da velhice.

Outro elemento importante nessa compreensão diz respeito aos fatores que levam os idosos a ingressarem ou retornarem à escola, procurando a EJA na velhice. Para Lopes e Burgardt (2013), além do desejo de aquisição de instrumentos para se incluir e se reinserir no mercado de trabalho, “o idoso procura não só conhecimentos formais, mas também uma valorização pessoal, pois, apesar de sua idade avançada, ainda é um participante ativo da sociedade, com direitos e deveres, como todos os outros cidadãos” (LOPES; BURGARDT, 2013, p. 319).

Santos et al. (2011) sugerem que os idosos buscam o “acesso a novas ocupações ou aperfeiçoar-se nas ocupações atuais. Demonstra também que a busca do conhecimento e de aquisição de novos valores podem ser almejados em qualquer momento da vida” (SANTOS et al., 2011, p. 124).

Pereira (2012), em sua pesquisa, indica sete razões que permeiam a busca dos idosos pela EJA: 1) realização de um investimento pessoal, que permite a concretização do sonho de estudar; 2) estímulo e apoio fornecido por parentes e amigos para que buscassem os estudos; 3) busca por melhores condições de trabalho; 4) preenchimento de tempo livre, que possibilita a participação social e a visibilidade; 5) devido a indicações médicas e a condições físicas que possibilitam a ida à escola, questões relacionadas a busca pelo envelhecimento saudável; 6) desejo por aprender, que permite transformações na própria vida e a conquista maior autonomia; 7) ser exemplo para a família, buscando o reconhecimento social da mesma e a chance de deixar a importância da escolarização como herança para as gerações mais novas.

Assim, é necessário fornecer “propostas variadas de alfabetização e escolarização para adultos e idosos que sejam adequadas aos diferentes contextos de vida” (DOLL, 2007, p. 121).

Segundo Doll (2007), a educação ao longo de toda a vida é um recurso indispensável para a velhice bem-sucedida. Na visão do autor, a educação deve promover às pessoas a atualização dos conhecimentos indispensável para o acompanhamento das transformações e do desenvolvimento do mundo atual; a escola tem a finalidade de ensinar saberes, valores, capacidades e habilidades, isto é, conhecimentos que sejam práticos e funcionais. Defende que essas finalidades devem permear o

trabalho educativo com os idosos, que podem aprender, por exemplo, como fazer uso das novas tecnologias, presentes no nosso atual contexto social. No entanto, a educação de idosos pode ir além, trabalhando frente as faces “da inteligência que dependem da estimulação propiciada pela cultura, por exemplo, a inteligência prática, as especialidades, a criatividade e a sabedoria. Pode compensar perdas ou déficits, como ocorre com os treinos de memória ou de habilidades sociais” (DOLL, 2007, p. 117).

Cachioni e Palma (2006) trazem três princípios que devem amparar a educação de idosos:

Princípio da atividade: a capacidade de manter-se ativo mediante um processo educativo de ampla cobertura social incrementa a autonomia e a auto-realização. O enfoque da atividade incide não sobre o que a pessoa é, mas sobre o que ela pode ser. O tipo de atividade a ser realizada requer uma decisão livre, autônoma e criativa para que o idoso alcance satisfação pessoal e coletiva.

Princípio da independência: A educação deve preparar o idoso para manter sua independência e autonomia no mais alto grau possível em relação aos laços tradicionais, evitando-se que seja mero receptor passivo das políticas sociais existentes.

Princípio da participação: A pessoa humana é um ser social por definição, e assim deve ser respeitado seu direito à interação e à participação social. A condição ideal de participação é dada por uma sociedade que não discrimina por nenhum critério – nem por idade –, oferecendo a todos os cidadãos as mesmas oportunidades básicas (CACHIONI; PALMA, 2006, p. 1464).

As propostas educativas destinadas aos idosos precisam considerar a heterogeneidade do envelhecimento, “reconhecimento esse que deve conduzir a uma política educativa baseada no respeito pela vida e pela dignidade das pessoas, quaisquer que sejam sua classe social, sua profissão e seu nível de escolaridade” (CACHIONI; PALMA, 2006, p. 1457).

Frente às demandas que existem com a presença de idosos na EJA, esta modalidade da educação precisa estar devidamente preparada para contemplá-las, tendo como base a concepção de educação ao longo da vida, proporcionando um processo de ensino e de aprendizagem de máxima qualidade para esses sujeitos, abarcando as exigências educativas que se apresentam na sociedade atual.

Metodologia da pesquisa

O estudo teve como principal base os pressupostos teóricos da pesquisa bibliográfica (SALVADOR, 1973; LIMA; MIOTO, 2007) e da análise de conteúdo (BARDIN, 2004).

Tendo como tema de pesquisa os Idosos na EJA, optou-se por buscar auxílio no campo da Psicologia, a fim de entender as especificidades dos idosos, para levantar contribuições para o atendimento aos idosos na EJA.

A psicologia possui influência histórica na área da educação, sobretudo na educação escolar. Durante (1998) indica que a Psicologia é usada para compreender os processos de aprendizagem que envolvem as práticas pedagógicas, “uma vez que a educação escolar é compreendida como promotora do desenvolvimento cognitivo” (DURANTE, 1998, p. 15).

Neri (2005), quando discorre sobre as possibilidades do estudo e das intervenções da psicologia no campo do envelhecimento, destaca o campo da psicologia do envelhecimento, que foi constituído especialmente a partir do paradigma *life-span*. Esse modelo entende que o desenvolvimento do ser humano ocorre ao longo de toda a vida e que “envelhecimento e

desenvolvimento são processos correlatos e que, mesmo na presença das limitações de origem biológica, os processos psicológicos já estabelecidos se mantêm e, se o ambiente cultural for propício, pode ocorrer desenvolvimento na velhice” (BALTES, 1987; 1997 apud NERI, 2005, p. 17):

a psicologia do envelhecimento focaliza as mudanças nos desempenhos cognitivos, afetivos e sociais, bem como as alterações em motivações, interesses, atitudes e valores que são característicos dos anos mais avançados da vida adulta e dos anos da velhice. Enfoca as diferenças intra-individuais e interindividuais que caracterizam os diferentes processos psicológicos na velhice, levando em conta os desempenhos de diferentes grupos de idade e sexo e de grupos portadores de diferentes bagagens educacionais e socioculturais. Estuda também os processos e as condições problemáticas que caracterizam e que afetam o funcionamento psicológico dos indivíduos mais velhos. Nesse aspecto particular, o estudo da velhice se beneficia da contribuição concorrente de várias disciplinas (NERI, 2005, p. 17).

Diante disso, partiu-se da hipótese de que a área da psicologia poderia propiciar o levantamento de elementos que colaborassem para o atendimento aos sujeitos idosos na EJA, chegando à escolha do periódico: “*Psicologia: Reflexão e Crítica*”, com base em sua relevância científica: é avaliado como A1 pelo Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)¹, e está indexado pela Thomson-Reuters (ISI), sendo classificado em Journal Citation Reports (JCR)².

A seleção dos artigos abrangeu as publicações entre os anos 2000 e 2012 e foi realizada no banco de dados da Scielo, onde estão indexados todos os artigos publicados pelo periódico. As palavras-chaves utilizadas foram: envelhecimento, velhice, idoso, idosos, idosa e idosas. A busca foi feita com cada uma dessas palavras, eliminando os artigos que apareciam por meio de mais de uma palavra-chave. No total, 40 artigos foram selecionados.

A análise dos artigos se pautou na técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2004), que é um “conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2004, p. 33). Além da descrição das mensagens, colabora com a interpretação das mesmas, de uma forma rigorosa.

A partir desse pressuposto teórico, optou-se pela análise categorial temática. Nas palavras de Bardin (2004), a análise temática “consiste em descobrir os “núcleos de sentido” que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 2004, p. 99).

As categorias temáticas foram organizadas pela leitura de cada artigo, elencando o tema de cada um. A compreensão dos objetivos dos artigos foi fundamental para a classificação das categorias temáticas: cognição e envelhecimento; qualidade de vida na velhice; representações sociais do envelhecimento; percepção e processamento visual de idosos; outros temas. Dentro da categoria

¹ Qualis é o conjunto de procedimentos que a CAPES utiliza para classificar a qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação no Brasil, sendo organizado em unidades de indicação de qualidade, onde A1 é a unidade mais elevada.

² O JCR é um recurso que avalia e compara publicações científicas, fazendo uso de dados de citações advindas de revistas acadêmicas e técnicas e do impacto que possuem na comunidade científica. Sendo assim, possibilita averiguar os periódicos mais citados de uma área e a relevância da publicação para a comunidade científica através do fator de impacto. Cf. (http://www.periodicos.capes.gov.br/?option=com_pcollection&mn=70&smn=79&cid=94).

temática cognição e envelhecimento, destacaram-se três subcategorias: atividades intelectuais e ganhos cognitivos; desempenho cognitivo de idosos; e alterações cognitivas, devido a sua amplitude e aos diferentes enfoques dos artigos.

O atendimento aos idosos na EJA: resultados da análise dos artigos

No Quadro abaixo, observa-se a organização dos artigos selecionados por categoria temática:

Quadro 1: Organização dos artigos por categoria temática

Categorias temáticas	Subcategorias temáticas	Quantidade de artigos	Frequência (%)
Cognição e envelhecimento	• Atividades intelectuais e ganhos cognitivos	8	20%
	• Desempenho cognitivo de idosos	8	20%
	• Alterações cognitivas	3	7,5%
Qualidade de vida na velhice		11	27,5%
Representações sociais do envelhecimento		4	10%
Percepção e processamento visual de idosos		2	5%
Outros temas		4	10%

Fonte: Dados da pesquisa.

A categoria temática que aparece com maior frequência é aquela que trata do tema: cognição e envelhecimento. Esse dado vai ao encontro da observação feita por Neri (2005), ao investigar o que a Psicologia vem produzindo sobre o envelhecimento, a velhice e os idosos, por meio de um levantamento na base de dados *Psychoinfo*:

a subárea mais desenvolvida foi e é a da cognição, totalizando mais de 60% dos trabalhos publicados na literatura internacional, em parte em virtude da importância dos processos intelectuais para o bem-estar e a autonomia dos idosos, em parte para atender a demandas sociais, visto que são altos os custos sociais da velhice disfuncional. Estudos longitudinais e de corte transversal trouxeram dados robustos sobre a importância da integridade dos processos intelectuais e da continuidade dos mecanismos de auto-regulação da personalidade na determinação da longevidade e da boa qualidade de vida na velhice. Atividade, envolvimento social e estilo de vida saudável (Rowe e Kahn 1998) além de ter metas na vida, acreditar na capacidade de controlar a própria vida, e ser capaz de investir no aperfeiçoamento da saúde, da capacidade cognitiva e das relações sociais (Baltes e Mayer 1999) são importantes antecedentes de uma boa velhice (NERI, 2005, p. 14).

A categoria temática qualidade de vida na velhice apareceu em 11 artigos e também possui grande importância. A citação de Neri (2005), destacada acima, refere-se à menção da importância da boa qualidade de vida na velhice, preocupação recorrente na produção científica. De acordo com Neri (2008) cada vez mais, os assuntos que envolvem o “bem-estar físico, psicológico e social dos idosos

interessam aos planejadores de políticas de saúde, educação, trabalho e seguridade social e aos cientistas” (NERI, 2008, p. 163).

A partir da análise dos artigos, inferiram-se nove elementos que colaboram para o atendimento aos sujeitos idosos na EJA. Todas as categorias temáticas e artigos contribuíram para a análise e trouxeram aportes para o levantamento de tais elementos, confirmando informações referentes à educação de idosos, encontradas na literatura utilizada na pesquisa³. O emprego do termo artigo ou artigos será aqui utilizado para se referir aos artigos analisados, a fim de diferenciá-los das outras bibliografias usadas. A seguir passamos a apresentação destes nove elementos que devem embasar as ações com os sujeitos idosos da EJA. São eles:

1. Buscar o conhecimento sobre quem são os idosos que integram a EJA, isto é, conhecer a cultura, a história e a diversidade de experiências de cada sujeito, a partir da compreensão do envelhecimento como um processo heterogêneo, que se manifesta de maneira particular para cada indivíduo.

De acordo com Argimon e Stein (2005) e Pope, Shue e Beck (2003) apud Scoralick-Lempke, Barbosa e Mota (2012, p. 774), os fatores que caracterizam a heterogeneidade do envelhecimento podem ser de ordem genética, ambiental, educacional, influenciados pela alimentação, pelas atividades diárias, pelo costume de se praticar atividades físicas e pelo estímulo cognitivo, por exemplo. Esses fatores também são destacados no artigo de Carvalho, Neri e Yassuda (2010). O artigo de Torquato, Massi e Santana (2011) argumenta que os aspectos biológicos, históricos, sociais e culturais integram o processo de envelhecimento e devem ser levados em conta no trabalho com os idosos.

Assim, o atendimento aos idosos na EJA deve buscar conhecer quem são os sujeitos que integram esse contexto, a fim de proporcionar uma prática pedagógica baseada em propostas que considerem a heterogeneidade do processo de envelhecimento. Nesse sentido, Peres (2011, p. 641) assinala que a metodologia utilizada na EJA deve ser pautada na heterogeneidade de seu público, valorizando o contexto social e cultural, os conhecimentos e as experiências de vida de cada indivíduo.

2. Considerar as especificidades da cognição dos idosos, que é permeada por ganhos e perdas. É preciso buscar o estímulo das capacidades cognitivas dos idosos, através do fornecimento de um ambiente cultural propício, visando aproveitar ao máximo as capacidades que tendem a se manter ao longo da vida.

Esse elemento apareceu, principalmente, por meio da análise da categoria cognição e envelhecimento. Em seis artigos da subcategoria atividades intelectuais e ganhos cognitivos (CARVALHO; NERI; YASSUDA, 2010; FREIRE et al., 2008; IRIGARAY; GOMES FILHO; SCHNEIDER, 2012; IRIGARAY; SCHNEIDER; GOMES, 2011; SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA; MOTA, 2012; TORQUATO; YASSUDA et al., 2006), destaca-se que é natural que ocorra declínio na cognição dos idosos ao longo do processo de envelhecimento normal. Da mesma forma, é ressaltado que o declínio

³ Aqui iremos especificar as contribuições de alguns artigos que analisamos na nossa pesquisa. Um maior detalhamento da pesquisa pode ser encontrado na versão online da dissertação de mestrado disponível para acesso em: <http://www.bdt.d.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tede_arquivos/8/TDE-2014-09-01T162658Z-6272/Publico/6103.pdf>.

de algumas funções cognitivas pode ser amenizado ou até mesmo revertido, e que determinadas funções cognitivas são preservadas. Nesse sentido, no artigo de Scoralick-Lempke, Barbosa e Mota (2012) é destacado que:

o envelhecimento humano envolve modificações substanciais na estrutura física e nas manifestações da cognição, além de alterar a percepção subjetiva dessas transformações. O declínio de algumas funções intelectuais tem sido considerado inevitável nesse processo (Engelhardt, Laks, Rozenthal e Marinho, 1998). No entanto, as perdas delas comumente não afetam as capacidades de forma generalizada e nem ocorre de forma homogênea em todos os indivíduos (Salthouse, 1984). Enquanto algumas tendem a declinar com a idade, outras podem se manter ou até mesmo melhorar em função da experiência de vida de cada indivíduo (Baltes, 1987; Parente & Wagner, 2006) (SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA; MOTA, 2012, p. 774).

As funções cognitivas que possuem a tendência de se preservar com o envelhecimento são pontuadas em um dos artigos, sendo elas: a inteligência cristalizada, memória implícita, habilidades motoras e aprendizado não-associativo (SHACTER, 2003).

A inteligência cristalizada “relaciona-se com o uso da informação; é afetada pela educação e pela aculturação; não declina com a idade e, sob condições ideais, pode exibir progresso em alguns domínios, na meia-idade e na velhice” (NERI, 2008, p. 116). Flecha (1994) define a inteligência cristalizada enquanto uma experiência que se adquire no entorno sociocultural, e, portanto, que aumenta ao longo da vida.

A compreensão sobre as especificidades da cognição dos idosos é importante para o atendimento aos sujeitos idosos na EJA, principalmente, entender que é natural que haja declínio e que podem ser mantidos ou revertidos. Flecha (1994) aponta que a EJA deve considerar e trabalhar em torno da inteligência cristalizada dos idosos que integram esse contexto, pois é um ponto de partida para a racionalização de suas aprendizagens.

Nessa linha, Scoralick-Lempke e Barbosa (2012) mencionam a importância da educação para a velhice saudável, mostrando a relevância das questões acima pontuadas:

em consonância, o pressuposto de que, em todo o desenvolvimento, existe a possibilidade de crescimento e de declínio das capacidades adaptativas contribuiu para reverter a concepção de que a velhice estaria associada somente a perdas. Estudos sobre a inteligência na idade adulta vêm confirmando esses achados ao demonstrar que, a partir de treino cognitivo, indivíduos idosos podem melhorar seu desempenho (Aramaki&Yassuda, 2011; Brum, Forlenza&Yassuda, 2009; Fillit et al., 2002; Lima-Silva et al., 2010; Schaie, 1979). A participação em ambientes estimulantes e a presença de oportunidades de desenvolvimento têm-se demonstrado fundamentais para um melhor desempenho intelectual ao longo da vida (Schaie, 1979; Yassuda; Silva, 2010) (SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA, 2012, p. 650).

Portanto, o atendimento aos sujeitos idosos na EJA deve ser pautado no estímulo das capacidades cognitivas desses sujeitos.

3. Estimular a autoeficácia dos idosos. Conforme Rabelo, o conceito de autoeficácia:

foi introduzido por Bandura em 1977 no contexto da teoria social cognitiva do desenvolvimento, com o significado de crenças que as pessoas têm em sua própria capacidade de organizar e executar os cursos de ação requeridos para alcançar

determinados resultados. Em essência, autoeficácia é o senso combinado de competência e confiança nas próprias habilidades para uma dada tarefa em um dado domínio (Berry & West, 1993). O cerne desse conceito diz respeito às maneiras pelas quais as autocrenças das pessoas em suas capacidades permitem que elas exerçam controle sobre os eventos que afetam suas vidas e a como essas crenças se traduzem em realização e motivação (RABELO, 2008, p. 19).

A investigação apresentada no artigo de Fortes-Burgos, Neri e Cupertino (2008) ao analisar a relação de eventos de vida estressantes com sintomas depressivos em idosos, pontua que esta relação é intercedida por “estratégias de enfrentamento e pela avaliação da autoeficácia no uso dessas estratégias” (FORTES-BURGOS; NERI; CUPERTINO, 2008, p. 75). As autoras apontam a existência da relação entre autoeficácia e estresses e que um dos fatores que pode gerar a depressão em idosos, está vinculado às perdas escolares.

O compromisso do educador da EJA frente o processo de ensino e de aprendizagem é fundamental para proporcionar um atendimento que respeite os idosos que frequentam esse espaço, intensificando suas aprendizagens e viabilizando um alto senso de autoeficácia. Fomentar a autoeficácia pode proteger os idosos de algumas questões vinculadas ao baixo senso de autoeficácia, como, por exemplo, a depressão. Como destaca Pereira:

a velhice nem sempre é satisfatória e indolor e só reconhecem o drama do envelhecimento os que vivem tal realidade Por conta disso, muitas vezes, o idoso cria mecanismos para driblar a solidão ou a depressão, procurando novos espaços onde possa conviver com pessoas da mesma ou de diferentes faixas de idade, como centros de convivência, universidades abertas à terceira idade e a EJA (PEREIRA, 2012, p. 30).

4. Fomentar e valorizar o espaço de convivência coletiva, pautado nas aprendizagens e nas trocas intersubjetivas, incentivadas pelo diálogo, compreendendo a importância do convívio intergeracional e das redes sociais de apoio para os processos de ensino e de aprendizagem dos idosos.

A importância de estar num espaço de convivência em grupo para os idosos é apontada, por exemplo, no artigo de Irigaray, Gomes Filho e Schneider (2012) e a relevância do envolvimento em atividades intelectuais, sociais e culturais, destacadas no artigo de Scoralick-Lempke, Barbosa e Mota (2012). O estudo apresentado pelo artigo de Brandão et al. (2006), ao tratar das contribuições da narrativa intergeracional na Psicologia, indica que os programas educacionais devem buscar potencializar as narrativas intergeracionais, entre idosos e crianças, com o objetivo de beneficiar o desenvolvimento dessas faixas etárias. Na nossa análise, essas questões são fundamentais para potencializar o atendimento aos idosos na EJA. Pereira (2012) indica a importância da convivência intergeracional para os idosos na EJA, já que é um espaço em que convivem jovens, adultos e idosos.

percebi nos relatos que essa convivência geracional não constitui um empecilho à permanência desses alunos nas escolas. Há uma postura de querer passar para as gerações mais novas algo que eles guardam com tanto valor: a experiência, traduzida nos diálogos intergeracionais, por meio de conselhos sobre as situações que ocorrem no cotidiano escolar, construindo novas redes de trocas de conhecimento (PEREIRA, 2012, p. 33).

Nessa linha, Park afirma que:

num contexto de ampliação da longevidade e do número de idosos, os trabalhos com memória envolvendo relações intergeracionais oferecem grandes possibilidades à área educacional, já que a promoção do contato entre idosos, crianças, jovens e adultos enriquece a vida dos mais velhos, permite-lhes realizar a função de elo entre o passado e o presente e, além disso, ajuda a combater o preconceito em relação aos idosos (Park, 2000, 2003) Uhlenberg (2000) aponta os efeitos positivos dos trabalhos pautados pelas relações entre gerações, priorizando três pontos: o cuidado, o treinamento, a supervisão e os recursos materiais que os velhos podem oferecer aos jovens; a energia e as informações tecnológicas que os jovens podem oferecer aos velhos e a quebra de preconceitos e tabus que poderão ocorrer com a convivência de ambos (PARK, 2008, p. 135).

É preciso aproveitar o espaço coletivo da sala de aula e da escola, de forma a proporcionar o diálogo, a troca de aprendizagens e saberes.

5. Buscar constantemente a superação de estereótipos, preconceitos e crenças negativas em torno da velhice. O estudo apresentado no artigo de Wachelke e Contarello (2011), ao caracterizar as relações das representações sociais do envelhecimento com outras representações sociais, aponta que existe vínculo entre os estereótipos que crianças e adolescentes possuem sobre o envelhecimento com os estereótipos que essas pessoas terão de si mesmas ao envelhecer e entre crenças sociais e processos cognitivos e físicos. Enfatizam que as crenças, concepções e estereótipos sobre o processo de envelhecimento e a velhice são construções sociais e podem ser transformadas.

Para Neri “a exclusão produzida por atitudes, preconceitos e estereótipos limita o acesso dos idosos aos recursos sociais e lhes acarreta isolamento, senso de inferioridade, baixo senso de auto-eficácia e incompetência comportamental” (NERI, 2007, p. 44).

Uma das barreiras que os idosos encontram para frequentar a escola “está ligada à imagem de incapacidade atribuída aos idosos, podendo gerar situações de preconceito vividas mesmo dentro da escola” (PEREIRA, 2012, p. 26).

O atendimento aos idosos na EJA deve assumir uma postura que vise romper preconceitos, estereótipos e crenças negativas em relação à velhice.

6. Compreender a importância do acesso às informações e dos instrumentos fornecidos pelo processo de escolarização, inclusive os meios digitais, para a autonomia, exercício da cidadania e inserção social dos idosos. O artigo de Inouye et al. (2010) traz a importância da qualidade de vida para a saúde física e mental dos idosos, indo ao encontro do destaque feito por Pereira sobre a importância de frequentar a escola para os idosos.

portanto, para esses idosos, frequentar a escola significa a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos, aprender coisas novas, alargar seus relacionamentos, melhorar a qualidade de vida, a autonomia e a autoestima. Outros estudos com interesse na escolarização de idosos a que tive acesso mostram que estar na escola melhorou muito a memória e a capacidade de resolver problemas dessas pessoas (PEREIRA, 2012, p. 30).

Pereira (2012) sugere que uma das principais funções da escola é ensinar conhecimentos que colaborem com a melhoria de vida dos idosos que frequentam a EJA. “A escola ensina saberes, valores, competências e habilidades que trarão a quem aprende novas possibilidades de aprender cada vez mais e melhor sobre o mundo em que vive e dominar novas tecnologias” (PEREIRA, 2012, p. 31). O artigo de Santos et al. (2011) também destaca que a inserção de idosos em programas educacionais possibilita o acesso à novos conhecimentos e o alcance de uma melhor qualidade de vida. O artigo de Inouye et al. (2010) indica a importância da leitura e da escrita para uma melhor qualidade de vida. O artigo de Kanashiro e Yassuda (2011) menciona a influência da escolaridade e da inserção em atividades para a qualidade de vida e para a cognição de idosos. Já o artigo de Silva, Saldanha e Azevedo (2011) destaca a importância da escolaridade como meio de acesso às informações, relevante para a prevenção de doenças e para a promoção de uma melhor qualidade de vida.

7. Valorizar os saberes, as experiências e a cultura dos idosos que integram a EJA. O artigo de Banhato et al. (2012) traz a necessidade de compreender as questões históricas referentes ao acesso à escolaridade que passaram a vida dos idosos, para a implantação e potencialização de programas educativos. Podemos entender que para potencializar o atendimento aos idosos na EJA é necessário conhecer o histórico desses sujeitos em relação à escolarização, trazendo para dentro das salas de aula da EJA os saberes que esses sujeitos possuem e que foram adquiridos nos espaços que viveram e se experimentaram, fora da escola. Freire (1996) afirma que:

pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes dos educandos, sobretudo os das classes populares, chegar a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino de conteúdos (FREIRE, 1996, p. 30).

8. Entender as dificuldades dos idosos referentes a diminuição de algumas capacidades sensoriais, como por exemplo, a visão e a audição, buscando adequar materiais didáticos que respeitem e trabalhem perante essas dificuldades. O artigo de Torquato, Massi e Santana (2011) chama a atenção para a dificuldade dos idosos de enxergar, no processo de leitura. O artigo de Santos, Simas e Nogueira (2003) indica que existem alterações nas características neurais e ópticas do sistema visual com a idade e que é possível que exista declínio na sensibilidade ao contraste com o envelhecimento. O artigo de Santos et al. (2006) aponta que “o aumento da idade leva o sistema visual a precisar de mais contraste para detectar frequências espaciais” (SANTOS et al., 2006, p. 419). O atendimento aos idosos na EJA deve relevar a probabilidade de ocorrer um declínio nas capacidades sensoriais dos idosos. Lopes e Burgardt (2013) ressaltam alguns elementos a serem considerados no contexto da EJA:

em alguns casos, os idosos possuem dificuldades na visão e na audição, acarretando um prejuízo no seu aprendizado, pois não têm a mesma capacidade e disposição de um jovem. Dessa forma, suas dificuldades devem ser individualmente atendidas, apoiando-se, assim, na utilização de tecnologias que supram essas distorções/deficiências. Muitos ainda têm um processo mínimo de leitura e escrita sem conexão com a realidade e ficam na condição de analfabetos funcionais. O

computador é uma das ferramentas tecnológicas que pode ser utilizada como referencial, pois documentos e textos podem ser trabalhados nele ou impressos, atendendo ao tamanho de letra adequada aos idosos e conduzindo a novos métodos de alfabetização (LOPES; BURGARDT, 2013, p. 321).

Portanto, é preciso elaborar e fornecer materiais didáticos que possam atender essas especificidades e dificuldades dos idosos.

9. Considerar o paradigma de desenvolvimento ao longo da vida (*life-span*). O artigo de Fonseca (2007) apresenta um estudo que engloba uma gama de perspectivas teóricas sobre o desenvolvimento humano, apontando que: os seres humanos são produtos e produtores do próprio desenvolvimento; que existe um desenvolvimento intencional, que considera o controle intencional do indivíduo sobre o seu próprio desenvolvimento, que ocorre por meio da plasticidade humana; e que existe ligação entre ação pessoal e desenvolvimento humano, que embasa o entendimento de que o desenvolvimento intencional é sujeito a modificações ao longo do ciclo de vida, influenciadas por diversos fatores.

A EJA deve ser um ambiente que instigue as capacidades e competências de cada indivíduo que participe desse contexto. Com base em Baltes e Marsiske, Scoralick-Lempke e Barbosa (2012), trazendo o conceito de plasticidade, indicam que:

outro conceito central da perspectiva *Life-Span* é o de plasticidade, que se refere ao potencial de mudança de um indivíduo e à sua flexibilidade para lidar com novas situações (Baltes, 1987). O grau de plasticidade é consoante à capacidade de reserva da pessoa, constituída por recursos internos e externos que mudam de acordo com o tempo e com a situação (Staudinger, Marsiske & Baltes, 1993). Assim, as limitações decorrentes do envelhecimento podem ser minimizadas pela ativação dessas capacidades, dependendo do grau de plasticidade individual (Baltes, 1987) (SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA, 2012, p. 650).

Desse modo, considera-se que o conhecimento da perspectiva *life-span* deve compor o atendimento aos idosos na EJA, podendo ser apreendido no próprio processo de formação docente, por exemplo.

Considerações finais

Os resultados do presente estudo trouxeram informações importantes sobre os idosos, a velhice e o envelhecimento, que forneceram subsídios para a indicação de elementos que colaboram para o atendimento aos sujeitos idosos na EJA. Verificou-se a importância da educação destinada aos idosos e da EJA enquanto um espaço promissor de trabalho com essa questão. Cachioni e Neri (2005) assinalam que “na frequência aos bancos escolares, os idosos têm chance de encontrar alternativas dinâmicas de autodesenvolvimento e atualização” (CACHIONI; NERI, 2005, p. 48).

No entanto, o campo da EJA, no Brasil, precisa trilhar muitos caminhos para concretizar a educação ao longo da vida. É importante que as práticas educativas que já existem sejam potencializadas, concomitantemente com a consolidação de novas práticas e possibilidades educativas, para que a educação ao longo da vida transcenda o espaço da retórica educativa e se concretize no âmbito das ações.

A participação de idosos em atividades educativas pode trazer muitos benefícios para esses sujeitos, e por isso deve ser efetivada. Essa é uma das buscas que deve ser fincada com compromisso por todos os educadores, pelos que são responsáveis pela gestão da EJA, pelos que estão em sala de aula e pelos que se dedicam a produção de conhecimento científico.

No mais, os elementos aqui levantados a partir das sínteses das análises do estudo reforçam a necessidade de promover a produção científica em torno do tema “Idosos na EJA” na área da educação. Portanto, como ressalta Both (2001, p. 13), esse tema demanda um enfoque interdisciplinar. É necessário o estabelecimento de diálogo da educação com outras ciências, em diferentes âmbitos: na produção científica, na academia, nas escolas, ou seja, nos diversos espaços educativos. Há que se caminhar de mãos dadas para promover uma educação completa e transformadora, que vise à emancipação de todos em pé de igualdade, fortificando o que vem sendo feito e buscando novas parcerias e caminhos.

Referências

- ARGIMON, Irani I de Lima; STEIN, Lilian Milnitsky. Habilidades cognitivas em indivíduos muito idosos: um estudo longitudinal. *Caderno de Saúde Pública*, v. 21, n. 1, p. 64-72, 2005.
- BANHATO, Eliane Ferreira Carvalhon et al. Cognition in Elderly People: Study of the Short Form 8 (SF8) of the Wechsler-III Scale. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 25, n. 1, p. 96-104, 2012.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BOTH, Agostinho. *Educação Gerontológica: posições e proposições*/Agostinho Both. Erechim: São Cristóvão, 2001.
- BRAGA, Fabiana Marini; GABASSA, Vanessa; MELLO, Roseli Rodrigues. *Aprendizagem dialógica: ações e reflexões de uma prática educativa de êxito para todos(as)*. São Carlos: Ed. UFSCar, 2010.
- BRANDÃO, Lenisa et al. Narrativas Intergeracionais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 19, n. 1, p. 98-105, 2006.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil* [texto (tipo reduzido)]: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas constitucionais n. 1/1992 a 73/2013, pelo Decreto legislativo n. 186/2008 e pelas Emendas constitucionais de revisão n. 1 a 6/1994. 38 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.
- BRASIL. *Estatuto do Idoso*. 2 ed. rev. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, Série E. Legislação de Saúde, 2008.
- BRASIL. *Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994*. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm>. Acesso em: jan. 2014.
- BRASIL. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: jul. 2013.
- BRASIL. *Portaria n. 2.528, de 19 de outubro de 2006*. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Disponível em: <<http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2006/GM/GM-2528.htm>>. Acesso em: jan. 2014.
- CACHIONI, Meire; NERI, Anita Liberalesso. Educação e velhice bem-sucedida no contexto das universidades da terceira idade. In: NERI, Anita Liberalesso; YASSUDA, Monica Sanches (Orgs.). *Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos*. 2 ed. Campinas: Papirus, 2005, p. 29-49.
- CACHIONI, Meire; PALMA, Lúcia Saccomori. Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e idoso. In: FREITAS, Elizabete Viana et al. (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 1456-1465.
- CARVALHO, Fabiana Castillo Roda; NERI, Anita Liberalesso; YASSUDA, Mônica Sanches. Treino de Memória Episódica com Ênfase em Categorização para Idosos sem Demência e Depressão. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 23, n. 2, p. 317-323, 2010.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. *Parecer CNE/CEB 11/2000 que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos*. Brasília: MEC, CNE, 2000.
- DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. 10 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, MEC UNESCO, 2006.

DI PIERRO, Maria Carla. Luta social e reconhecimento jurídico do Direito Humano dos jovens e adultos à educação. *Revista Educação*, v. 33, n. 3, p. 395-410, 2008.

DOLL, Johannes Educação, cultura e lazer: perspectivas de velhice bem-sucedida. In: NERI, Anita Liberalesso. (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007, p. 109-123.

DURANTE, Marta. *Alfabetização de adultos: leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FLECHA, Ramón. *Educación de las personas adultas: propuestas para los años noventa*. Barcelona: El Roure Editorial, S.A., 1994.

FONSECA, António M. Subsídios para uma leitura desenvolvimental do processo de envelhecimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 20, n. 2, p. 277-289, 2007.

FORTES-BURGOS, Andréa Cristina Garofe; NERI, Anita Liberalesso; CUPERTINO, Ana Paula Fabrino Bretas. Eventos estressantes, estratégias de enfrentamento, auto-eficácia e sintomas depressivos entre idosos residentes na comunidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 2, n. 1, p. 74-82, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Rosane et al. Efeito de estratégias de codificação sobre a memória contextual em idosos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 21, n. 2, p. 326-331, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*, 2012.

INOUE, Keika et al. Percepções de suporte familiar e qualidade de vida entre idosos segundo a vulnerabilidade Social. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 23, n. 3, p. 582-592, 2010.

IRIGARAY, Tatiana Quarti; GOMES FILHO, Irenio; SCHNEIDER, Rodolfo Herberto. Efeitos de um treino de atenção, memória e funções executivas na cognição de idosos saudáveis. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 25, n. 1, p. 188-202, 2012.

IRIGARAY, Tatiana Quarti; SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; GOMES, Irenio. Efeitos de um treino cognitivo na qualidade de vida e no bem-estar psicológico de idosos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 24, n. 4, p. 810-818, 2011.

KANASHIRO, Miriam Masako; YASSUDA, Mônica Sanches. Estudo da adaptação e aplicabilidade do questionário perfil de atividades de Adelaide em idosos de uma comunidade nipo-brasileira. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 24, n. 2, p. 245-253, 2011.

LIMA, Telma Cristiane Sasso; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katál*, v. 10, p. 37-45, 2007.

LOPES, Ana Paula Neves; BURGARDT, Viviane Marcowicz. Idoso: um perfil de alunos na EJA e no mercado de trabalho. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, v. 18, n. 2, p. 311-330, 2013.

MARQUES, Denise Travassos; PACHANE, Graziela Giusti. Formação de educadores: uma perspectiva de educação de idosos em programas de EJA. *Educação e Pesquisa*, v. 36, n. 2, p. 475-490, maio/ago. 2010.

NERI, Anita Liberalesso. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007, p. 33-46.

_____. O que a psicologia tem a oferecer ao estudo e à intervenção no campo do envelhecimento no Brasil, hoje. In: NERI, Anita Liberalesso; YASSUDA, Mônica Sanches (Orgs.). *Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos*. 2 ed. Campinas: Papirus, 2005, p. 13-27.

_____. *Palavras-chave em gerontologia*. 3 ed. Campinas: Editora Alínea, 2008.

PARENTE, Maria Alice Mattos Pimenta; WAGNER, Gabriela Peretti. Teorias abrangentes sobre o envelhecimento cognitivo. In: PARENTE, Maria Alice Mattos Pimenta (Ed.). *Cognição e envelhecimento*. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 31-46.

PARK, Margareth Brandini. Memória coletiva. In: NERI, Anita Liberalesso. *Palavras-chave em gerontologia*. 3 ed. Campinas: Editora Alínea, 2008. p. 133-135.

PEREIRA, Jacqueline Mary Monteiro. A escola do riso e do esquecimento: idosos na educação de jovens e adultos. *Educ. Foco*, v. 16, n. 2, p. 11-38, set. 2011/fev. 2012.

PERES, Marcos Augusto de Castro. Velhice e analfabetismo, uma relação paradoxal: a exclusão educacional em contextos rurais da região Nordeste. *Sociedade e Estado*, v. 26, n. 3, p. 631-662, set./dez. 2011.

RABELO, Dóris Firmino. Auto-eficácia. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Palavras-chave em gerontologia*. 3 ed. Campinas: Editora Alínea, 2008, p. 19-23.

- SALVADOR, Angelo Domingos. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 1973.
- SANTOS, Benevaldo Ferreira dos et al. Identificação das crenças em relação à velhice e ganhos percebidos de professores do CIEJA. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 14, n. 2, p. 119-141, jun. 2011.
- SANTOS, Natanael Antonio et al. Os efeitos da idade na percepção visual de grades senoidais em luminância baixa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 19, n. 3, p. 415-421, 2006.
- SANTOS, Natanael Antonio; SIMAS, Maria Lúcia de Bustamante; NOGUEIRA, Renata Maria Toscano Barreto Lyra. Processamento visual da forma em idosos: curvas de limiar de contraste para frequências angulares e senoidais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 16, n. 2, p. 271-277, 2003.
- SCORALICK-LEMPKE, Natália Nunes; BARBOSA, Altemir José Gonçalves. Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva Life-Span. *Estudos de Psicologia*, v. 29, supl. 1, p. 647-655, out./dez. 2012.
- SCORALICK-LEMPKE, Natália Nunes; BARBOSA, Altemir José Gonçalves; MOTA, Marcia Maria Peruzzi Elia. Efeitos de um processo de alfabetização em Informática na Cognição de Idosos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 25, n. 4, p. 774-782, 2012.
- SILVA, Josevânia; SALDANHA, Ana Alayde Werba; AZEVEDO, Regina Lúcia Wanderlei. Variáveis de impacto na qualidade de vida de pessoas acima de 50 anos HIV+. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 23, n. 1, p. 56-63, 2010.
- SHACTER, Daniel. *Os sete pecados da memória: como a mente esquece e lembra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- TORQUATO, Rebecca; MASSI, Giselli; SANTANA, Ana Paula. Envelhecimento e letramento: a leitura e a escrita na perspectiva de pessoas com mais de 60 anos de idade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 24, n. 1, p. 89-98, 2011.
- UNESCO. *Sexta Conferência Internacional de Educação de Adultos: marco de ação de Belém*. Brasília: UNESCO, 2010.
- WACHELKE, João; CONTARELLO, Alberta. Representações sociais de estudantes italianos sobre o envelhecimento: um estudo exploratório de um sistema representacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 24, n. 3, p. 551-560, 2011.
- YASSUDA, Mônica Sanches et al. Treino de memória no idoso saudável: benefícios e mecanismos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 19, n. 3, p. 470-481, 2006.
- YASSUDA, Mônica Sanches; SILVA, Henrique Salmazo. Participação em programas para a terceira idade: impacto sobre a cognição, humor e satisfação com a vida. *Estudos de Psicologia*, v. 27, n. 2, p. 207-214, 2010.

Recebido em: jan. 2016.

Aceito em: out. 2016.

Adriana Zakia Costa: Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. E-mail: drizakia@gmail.com

Fabiana Marini Braga: Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Professora do Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: fmarinibraga@gmail.com